

EMOÇÃO PATRIMONIAL: UM ESTUDO NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM¹; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES²;
DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – josepaulobrahm@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este texto é baseado nos dados da tese de doutorado que está sendo desenvolvida desde 2018 no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). A pesquisa tem como foco principal analisar as emoções expressas pelos visitantes no contexto expositivo do Museu Gruppelli, e os seus significados. O referido Museu, que serve como pano de fundo dessa pesquisa está localizado na colônia da cidade de Pelotas/RS, região que se denomina Colônia Municipal, sétimo distrito da cidade. O Museu tem como missão salvaguardar e difundir as histórias, memórias, e os modos de vida dos moradores da zona rural de Pelotas e região. Foi o primeiro museu concebido na zona rural da cidade que ainda conta com outros dois museus que são: o Museu Etnográfico da colônia Maciel, localizado na Colônia Maciel, e o Museu da Colônia Francesa, situado na Vila Nova.

Esta pesquisa é desdobramento de dissertação de mestrado defendida pelo autor deste resumo no período de 2015-2017, no referido programa de pós-graduação. Aquela investigação teve como objetivo principal analisar a percepção museal do público que visita as exposições do Museu Gruppelli. De modo geral, a pesquisa apontou para o fato de que os objetos musealizados são responsáveis por ajudarem os entrevistados, a partir de suas percepções museais, a afirmarem suas memórias e identidades pessoais e sociais, tanto pelo contato direto, como indireto, que tiveram com os mesmos. Concluímos ao cabo da pesquisa que o Museu estudado é um “lugar de memória” (NORA, 1993) e identidade. Além disso, vimos que a percepção museal do público possibilitou que os mesmos compreendessem os objetos pertencentes ao acervo muito além de sua materialidade, sendo responsável por ajudarem os entrevistados a reconstruírem e afirmarem lembranças e identidades.

Durante a pesquisa observamos que o público entrevistado ao se relacionar com os objetos tinha não somente memórias e identidades afloradas, mas também emoções. Tal situação reitera, o que apareceu em uma pesquisa de público realizada no Museu durante a exposição temporária “A vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”. Entre as emoções mencionadas pelos entrevistados durante ambas as pesquisas podemos citar: saudosismo, nostalgia, esperança, pena, lástima, alegria, tristeza. Essa experiência nos levou a ponderar sobre o que as provocavam e qual a importância das mesmas para o público visitante e para a preservação e difusão do próprio museu.

Desse modo, partimos da hipótese de que a percepção museal do público visitante é a principal razão contributiva para que afluam diversas emoções nele mesmo, através da relação que travam com os objetos expostos no contexto do Museu Gruppelli.

Tendo como referências as considerações anteriores, resolvemos propor um conjunto de questões à pesquisa, que são: Quais emoções, além das já

citadas acima, podem ser afloradas pelo público em sua relação contextual e cultural com os objetos expostos do Museu Gruppelli, mediadas pela percepção museal? Qual fator (ou quais fatores) suscitam essas outras emoções no público? Existiriam emoções mais intensas (marcantes) que outras? Se sim, quais seriam e por quê? Nesse momento podemos falar em uma “emoção patrimonial”? E o que podemos entender como tal? Algum objeto (ou alguns objetos) suscitariam mais emoções que outros no público a partir da ativação de suas percepções museais? Se sim, quais seriam e por quê? Que relações podem ser estabelecidas entre memória social, emoção, museu e patrimônio cultural? As emoções que são afloradas no público têm o potencial de ajudar na preservação e difusão do patrimônio cultural e das instituições museológicas?

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo realizada sob a forma de um estudo de caso (YIN, 2001). Estamos utilizando como ferramenta principal de coleta de dados a entrevista presencial e, igualmente, observação do pesquisador. A entrevista é semiestruturada, por meio de uma conversa de finalidade, elaborada pelo pesquisador, abordando questões com temáticas abertas e fechadas (CRUZ NETO, 1994). As entrevistas foram aplicadas ao público frequentador do Museu, tanto o morador da zona rural, como da zona urbana, durante a visitação. Para uma melhor análise dos dados que foram obtidos nas entrevistas fizemos uso de um caderno de campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicadas 64 entrevistas¹ no Museu, no período de julho a dezembro de 2018. Os visitantes foram convidados, pelo pesquisador, de forma aleatória, a participarem da pesquisa, durante a visita. Já outros entrevistados foram convidados quando o pesquisador percebia o interesse emocional dos visitantes pelos objetos expostos.

Indagados² se existia algum objeto que lhe despertava alguma emoção ao ser observado, todos os 61 entrevistados disseram que sim. Entre os objetos mencionados podemos citar: carroça (25 pessoas), máquina de debulhar milho (14 pessoas), objetos do cenário da cozinha (louças, bules, xícaras), (10 pessoas), objetos do cenário da mercearia (balança, baleiro, televisão, caixa registradora), (9 pessoas), tacho (6 pessoas), picador de pasto (6 pessoas), lampião (6 pessoas), pilão (5 pessoas), objetos do cenário da barbearia (5 pessoas), fumigador (2 pessoas), arado (2 pessoas), foice (2 pessoas), entre diversos outros.³

Entre as emoções despertadas pelos entrevistados, a partir de suas percepções museais na relação travada com os objetos, mencionamos: saudade (32 pessoas), felicidade (23 pessoas), nostalgia (12 pessoas), orgulho (6 pessoas), amor (6 pessoas), afeto (6 pessoas), gratidão (4 pessoas), serenidade

¹ Das 64 entrevistas realizadas 61 foram consideradas válidas e utilizadas para análise. Três entrevistas não foram consideradas válidas porque as respostas obtidas durante a realização das mesmas não contribuiria para que pudéssemos atingir nosso objetivo de pesquisa.

² Pelo pouco espaço para a escrita do texto vamos apresentar aqui somente uma pergunta que foi feita aos entrevistados.

³ Nessa parte da questão os entrevistados puderam citar mais de um objeto.

(3 pessoas), medo (2 pessoas), amizade (2 pessoas), tristeza (1 pessoas), paixão (1 pessoa), coragem (1 pessoa), angústia (1 pessoa), esperança (1 pessoa).⁴

Para uma melhor análise dos dados dividimos as respostas dos entrevistados em três categorias, que são elas: trabalho, lazer e outros.⁵ Das 61 respostas 34 se enquadram na categoria trabalho. Vinte na categoria lazer e 18 na categoria outros.

Na categoria trabalho mencionamos o uso dos objetos pelos entrevistados no período da infância ou não, os quais estavam geralmente acompanhados de membros da família (pais, avós, tios, irmãos, bisavós). Lembra-se de notarem também, seus parentes usando os objetos para essa finalidade. Essas memórias e emoções estão relacionadas tanto pelo contato direto ou indireto pelos entrevistados em relação aos objetos. Na categoria lazer citamos o uso da carroça, por exemplo, pelos entrevistados para ir aos bailes, jogos de futebol, visitar parentes; lembra-se de ir ao barbeiro para cortar o cabelo na companhia de familiares; de brincar de debulhar milho na máquina; de se reunir à mesa com a família para tomar café e assim conversar sobre os assuntos do dia a dia; por ir aos jogos de futebol da colônia, entre outros. Já, na categoria outros se enquadram as respostas dos entrevistados por terem feito menção de lembrar-se de quando faziam juntamente com os avós a compra de mercadorias no mercado; medo de ir ao dentista; pela surpresa de rever os objetos que há tempos não via; por usar os tamancos para ir à escola; por remeter à família; por ter vivido esse período; pelo Museu remeter a casa, o lugar de residência; de se deslocar na carroça de um lugar para outro; entre outras.

Como exemplo mencionamos a entrevista da senhora Edite. Disse que o tacho ao ser percebido lhe desperta paixão e felicidade porque se lembra de sua mãe que fazia diversos tipos de doce no tacho (pêssego e banana). Comentou conosco que tem o tacho em casa. A entrevistada conta-nos sua história de vida que teve na companhia do objeto com um olhar sereno e um sorriso de felicidade. Por meio de suas expressões corporais a depoente mostrava-nos com empolgação como se mexia com a colher o doce que se estava preparando no tacho. Classificamos essa emoção de intensa positiva. Vemos por meio de suas expressões faciais e gestuais toda uma performance corporal ou uma “performance museal” (SOARES, 2012). Lembramos ainda, que o tacho está envolvido em um ritual do saber-fazer. Esse ritual não está voltado somente aos ingredientes utilizados para fazer os diversos tipos de doces, mas, sobretudo, aos usos corporais, gestuais.

É possível que a categoria do patrimônio, tal como a estamos explorando, sublinhe, entre outras, essa dimensão material da vida social e cultural. E, ao lado dessa dimensão material, é preciso assinalar a dimensão fisiológica, ou mais precisamente, **o uso de técnicas corporais. Objetos sempre implicam usos determinados do corpo.** Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? [...] (GONÇALVES, 2005, p. 22 e 23, negrito nosso).

Identificamos aqui, que diversas emoções foram despertadas pelos entrevistados na relação museal travada com os objetos. Nesse momento podemos falar em uma emoção patrimonial, uma vez que ela acontece, de acordo com PALUMBO (2003), quando há paixão das pessoas em relação aos bens patrimoniais. Segundo HEINCH (2013), a emoção patrimonial ocorre quando há

⁴ Nessa parte da questão os entrevistados puderam citar mais de uma emoção.

⁵ Excepcionalmente nesta questão os entrevistados puderam citar mais de um objeto que lhe emocionou, fazendo com que suas respostas se enquadrassem em mais de uma categoria.

um sentimento de reconhecimento e apropriação por parte dos sujeitos em relação ao patrimônio. Ela é responsável por ajudar na afirmação identitária dos sujeitos e grupos.

4. CONCLUSÕES

Compreendemos a partir deste estudo que o ato de se emocionar é componente relevante das nossas experiências museais. Os espaços museológicos não podem deixar de lado essa questão, pelo contrário, precisam levar em consideração esse fator. Deve procurar através de suas diversas ferramentas comunicacionais, ativar a percepção museal do público para que os mesmos possam despertar variadas emoções.

Esta pesquisa busca extrapolar o sentido burocrático-jurídico do trato patrimonial e invadir o campo da negociação simbólica emotiva. Uma vez que, os “museus não podem ser concebidos como templos ou fóruns, palácios ou cemitérios, porque é muito mais útil pensá-los **como palcos**” (SOARES, 2012, p. 203, negrito nosso). Ou seja, identificamos neste estudo que os entrevistados ao se emocionarem e narrarem suas histórias de vida que tiveram na companhia dos objetos tornam-se protagonistas, atores das dinâmicas sociais e o Museu Gruppelli seu palco de atuação. Nesse sentido, podemos afirmar que as emoções despertadas pelo público são indispensáveis para que os museus (entre eles o próprio Museu Gruppelli) e os patrimônios existam e funcionem a contento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ NETO, O. Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HEINICH, N. Esquisse d'une typologie des émotions patrimoniales. In: FABRE, D. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de L'homme, 2013. p. 195-210.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

PALUMBO, B. Émotions patrimoniales et passions politiques (Sicile orientale). In: FABRE, D. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des sciences de l'homme, 2013. p. 357-375.

PHILBIN, T. **As 100 maiores invenções da história**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

SOARES, B. B. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. **Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012**. Petrópolis, Nov/ 2012. p.192-204.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.